

LUGARES

Arquitetos, em especial, tem uma relação afetiva com edifícios, ruas, praças e lugares, espaços urbanos edificados, base da profissão do arquiteto e urbanista. Muitos prédios que vemos diariamente a caminho do trabalho ou do lazer nos reportam, para muito além das técnicas construtivas e das soluções estéticas e sociais impressas em suas fachadas, coisas vividas, tempos passados, emoções vivenciadas, para o bem e para o mal, como escolas que frequentamos, salões de clubes onde namoramos, igrejas, estádios onde cantamos e torcemos. Claro, nem todo mundo tem essa relação, existem pessoas para quem a demolição indiscriminada de edifícios de outras eras em nada afeta, consideram-nas apenas prédios velhos a atrapalhar a marcha inexorável do “progresso”, sem atentar para o fato de que as gerações passadas deixaram um legado que conforma sua própria vida.

Tudo isso para dizer da estranha sensação que vivenciei noutro dia, ao entrar num edifício de uma clínica médica (aliás, nesta idade propecta, em que a cada dia surge uma nova dor e a necessidade de recauchutagem, o que mais fazemos é esperar em consultórios). Hoje, o edifício atende centenas de pessoas e, embora atendesse convênios privados, parecia um saguão lotado destes hospitais do SUS que vemos diariamente na TV, geralmente para vender a ideia que é preciso privatizar a saúde pública e convencer todos a adquirir um convênio médico, o mesmo convênio que nos deixa esperando na fila e que vai dar recursos para a campanha do deputado que vai defender seus interesses no legislativo.

O fato é que já havia estado naquele prédio antes, muitos e muitos anos atrás, quando os médicos eram outros e as especialidades também. A estranha sensação que senti enquanto esperava tinha um motivo: foi ali que um médico que me atendeu à época foi, muitos e muitos anos atrás, assassinado a tiros por um paciente treloucado que o responsabilizou por algo que não havia feito, um crime que chocou a cidade por sua violência e estupidez, advinda da posse de uma arma de fogo.

Vejo nos jornais, inclusive no PIG local, a marcha reacionária dos que defendem armar a população contra os “bandidos”, enquanto a maioria das mortes violentas com armas de fogo é empunhada pelo braço armado do Estado contra jovens pobres e negros das periferias ou em chacinas com armas pesadas decorrentes da equivocada, fracassada e falida política atual de combate às drogas, que só faz enxugar gelo e aumentar a massa carcerária, já a quarta maior do planeta, com o Tucanistão de Alckmin, Dória, Engler, Adérmis, Kaká, Sidnei Rocha e outros liderando o número de penitenciárias abertas enquanto temos escândalos de corrupção cujas apurações não andam na merenda escolar, nos metrô, nas rodovias e a educação definha na mediocridade.

São difíceis e estranhos estes tempos atuais que me foram proporcionados viver, onde a maioria parece recusar a ideia de um país solidário, equânime, com menor desigualdade social e mais tolerância para com os diferentes jeitos de pensar, viver e amar.

Mauro Ferreira é arquiteto